

A construção da notícia: a cobertura da "Revolta das Saias" e a legitimação do poder na imprensa cearense (1968)

Tânia Gorayeb Sucupira

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (Brasil)

Francisco Javier García-Delgado

Universidade de Huelva, Huelva (Espanha)

José Gerardo Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará (Brasil)

Resumo

O artigo analisou discursos da imprensa empresarial de Fortaleza (Brasil) sobre a "Revolta das Saias", conflito estudantil em maio de 1968, no Colégio Estadual Justiniano de Serpa. O objetivo foi compreender a cobertura da imprensa cearense da participação de secundaristas nos movimentos estudantis de 1968, principalmente das alunas do Colégio Estadual Justiniano de Serpa. A Análise Crítica do Discurso (ACD), em Norman Fairclough e Teun Van Dijk, investiga a relação entre linguagem, ideologia e hegemonia, com foco na prática social e na dimensão representacional, relacionando elementos textuais e práticas discursivas com o contexto histórico, social e político mais amplo. Na cobertura jornalística das manifestações, os periódicos fortalezenses, em sua maioria contrários ao autoritarismo do governo, legitimaram o discurso de dominação social e manutenção do *status quo*, afirmando e/ou reproduzindo o discurso favorável à ideologia ditatorial.

Palavras-chave: Escola Estadual Justiniano de Serpa. Grêmio estudantil. Movimento estudantil. Ditadura militar. Discurso jornalístico.

The construction of news: the "Revolta das Saias" (Skirt Revolt) coverage and the legitimation of power in Ceará state press (1968)

Abstract

The article analyzes business press discourse in Fortaleza, Ceará state (Brazil) concerning the "Revolta das Saias," (Skirt Revolt) a student conflict in May 1968 at Justiniano de Serpa State School. The objective was to understand

the coverage by the press in Ceará state of the participation of high school students in the student movements of 1968, especially the students of the Justiniano de Serpa State School. Critical Discourse Analysis, according to Norman Fairclough and Teun Van Dijk, investigates the relationship between language, ideology, and hegemony, focusing on social practice and the representational dimension, relating textual elements and discursive practices to the broader historical, social, and political context. In their coverage of the demonstrations, Fortaleza (Ceará capital) newspapers, most of which opposed the government's authoritarianism, legitimized the discourse of social domination and maintenance of the *status quo*, affirming and/or reproducing discourse favorable to the dictatorial ideology.

Keywords: Justiniano de Serpa State School. Student council. Student movement. Military dictatorship. Journalistic discourse.

La construcción de la noticia: la cobertura de la "Revolta das Saias" (Revuelta de las Faldas) y la legitimación del poder por la prensa de Ceará (1968)

2

Resumo

El artículo analizó los discursos en la prensa de Fortaleza, estado de Ceará (Brasil) sobre la "Revolta das Saias" (Revuelta de las Faldas), un conflicto estudiantil en el Colegio Justiniano de Serpa en mayo de 1968. El objetivo la cobertura de la prensa de Ceará de la participación de los estudiantes de secundaria en los movimientos estudiantiles de 1968, principalmente de las alumnas del Colegio Estatal Justiniano de Serpa. El análisis crítico del discurso (ACD), según Norman Fairclough y Teun Van Dijk, investiga la relación entre lenguaje, ideología y hegemonía, centrándose en la práctica social y la dimensión representacional, relacionando elementos textuales y prácticas discursivas con el contexto histórico, social y político más amplio. En la cobertura periodística de las manifestaciones, los periódicos de Fortaleza, en su mayoría contrarios al autoritarismo del gobierno, legitimaron el discurso de dominación social y mantenimiento del *status quo*, afirmando y/o reproduciendo el discurso favorable a la ideología dictatorial.

Palabras-clave: Escuela Estatal Justiniano de Serpa. Asociación de estudiantes. Movimiento estudiantil. Dictadura militar. Discurso periodístico.

Introdução

O ano de 1968 foi um ponto de inflexão global, marcado por profundas transformações culturais, econômicas, sociais e políticas (Acevedo-Tarazona, 2004). O Brasil se encontrava sob regime autoritário desde 1964 e as mobilizações estudantis contra o autoritarismo e a política governamental, "sobretudo a partir de 1966" (Germano, 2011), denunciavam, inclusive, aspectos da política educacional, como a privatização do ensino, a falta de financiamento e o déficit das vagas no ensino superior, colocadas pelos excedentes.

A Lei Suplicy vetava sem sucesso, desde 1964, atividades político-partidárias de organizações estudantis, a exemplo da União Nacional dos Estudantes (UNE) e das Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) que atuavam, apesar da condição de ilegalidade. Isso até a sua extinção, em fevereiro de 1968, quando o Decreto-Lei 228 passou a proibir "[...] a existência de entidades em nível estadual e nacional [...]" (Germano, 2011, p. 114), o que, na prática, também não obteve efeito. Com sede em Fortaleza, o Centro de Estudantes Secundários do Ceará (CESC) atuava em 1968 na efetiva organização da categoria de secundaristas cearenses, inclusive nas lutas contra o autoritarismo e pelo aumento da educação pública, gratuita e de qualidade.

Em acordo com Romanelli (1986), a crise da educação brasileira, após a ruptura democrática de 1964, teve base social e econômica. A demanda permanente pelo desenvolvimento da educação se justificava em função do crescente volume e da variedade de postos de trabalho, que surgiam decorrentes do processo de industrialização do país que, desde a segunda metade da década de 1950, criava sua infraestrutura de comunicações, transporte e energia. Ou seja, o sistema econômico, em franca expansão, exigia a formação de recursos humanos com qualificação em todos os níveis de habilitação e especialização em diversas áreas.

Contudo, a oferta de educação gratuita implicaria em investimentos públicos e a política governamental de contenção de gastos (Romanelli, 1986) tornou-se um entrave, resultando em um déficit considerável entre a oferta e a demanda por educação superior. Os índices estatísticos da nação, de 1964 a 1968, apontam que "[...] a um crescimento de demanda de 120%,

respondeu a oferta, com um crescimento de apenas 52% [...]", Romanelli (1986, p. 207) ressalta o nível médio como "[...] o único nível privilegiado do sistema escolar".

Na conjuntura ditatorial, o país celebrou uma série de acordos de cooperação via Agency for International Development (USAID), órgão estadunidense de ajuda financeira e assistência externa com recursos advindos dos Estados Unidos e a contrapartida para "[...] um alinhamento geopolítico com o neocapitalismo norteamericano no continente" (Arapiraca, 1979, p. 171). O conjunto de acordos incluiu aqueles estabelecidos entre o Ministério da Educação do Brasil (MEC) e USAID, conhecidos como convênios MEC-USAID. A assistência financeira e assessoria técnica junto a órgãos, autoridades e instituições educacionais (Romanelli, 1989) para reforma da educação pública atingiu todos os níveis de ensino, mas priorizou a educação profissionalizante (Arapiraca, 1971), fundamentada no modo de produção capitalista, em detrimento de uma formação com características mais humanistas.

4

A tendência à progressiva mercantilização da educação, desde a redução dos investimentos estatais, abriu as portas para um novo modelo de gestão da oferta de educação, ou seja, "[...] descomprometimento com o financiamento da educação pública e gratuita [...], corrupção e privatização do ensino" (Germano, 2011, p. 106).

A política educacional e o autoritarismo do governo foram rejeitados e o movimento da categoria universitária sofreu dura repressão. Entre diversas ações truculentas do Regime, desde 1964, citamos, por exemplo, a intervenção nas universidades de Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, Paraíba, Rio Grande do Norte e Minas Gerais. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo foi invadida duas vezes e a Universidade de Brasília passou por três invasões, com a prisão de professores e estudantes. Foram instaurados Inquéritos policiais militares contra professores e muitos foram demitidos sem que houvesse sequer acusação contra eles (Germano, 2011).

No contexto de crescente conturbação da ordem pública e do recrudescimento da violência institucional, em 1968, o sistema de ensino secundário cearense iniciou a cobrança de taxa de matrícula em escolas estaduais do interior e da capital, sem, contudo, prever a padronização do

processo quanto a valores e ao destino para o montante arrecadado, acirrando a revolta de secundaristas que protestavam contra a Ditadura Militar, o autoritarismo e as políticas educacionais.

Neste estudo, buscamos compreender o posicionamento ideológico predominante nos discursos veiculados na imprensa corporativa de Fortaleza, Nordeste do Brasil, durante a comunicação jornalística sobre os protestos estudantis iniciados no Colégio Estadual Justiniano de Serpa, em maio de 1968. O movimento das secundaristas relacionou-se com a expulsão da presidente do grêmio do turno tarde, Mirtes Nogueira (de agora em diante, Mirtes), pela diretora da instituição escolar, Adísia Sá (de agora em diante, Adísia).

Enquanto no Colégio Estadual Liceu do Ceará a direção apenas ameaçou expulsar os líderes do colégio contrários à cobrança da taxa de matrícula, no Colégio Estadual Justiniano de Serpa, a presidente do grêmio estudantil turno tarde foi expulsa ao confrontar a diretora acerca da cobrança e do destino a ser dado ao montante arrecadado na cobrança de taxa. Diante da expulsão da companheira, um grupo de normalistas iniciou uma campanha por sua readmissão e a luta das secundaristas do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, antiga Escola Normal, foi fortalecida pelo apoio da categoria, representada pelo Centro de Estudantes Secundários do Ceará (CESC).

No Colégio Estadual Justiniano de Serpa, estudantes inconformadas com a expulsão da companheira abandonaram as salas de aula e organizaram-se em passeatas e manifestações de protesto pela cidade, durante praticamente todo o mês de maio de 1968, com apoio popular e de estudantes de outras instituições escolares. Em forma de manchetes e reportagens, os desdobramentos da insurreição estudantil frequentaram capas e páginas de periódicos, no auge do governo militar e recrudescimento das forças de repressão a opositores.

Concordando com Santos e Costa (2019) e Woitowicz e Schmitt (2018), durante o regime ditatorial, a mídia empresarial esteve ao lado do *establishment*, inclusive em relação ao movimento das secundaristas do Colégio Estadual Justiniano de Serpa. A maioria dos discursos da imprensa hegemônica afirmou e/ou legitimou a narrativa da diretora escolar, em detrimento da gremista expulsa, a qual não pôde se defender, sequer uma vez, através da imprensa. Da mesma forma, os diversos estudantes que se

solidarizaram com a colega não obtiveram equivalente espaço de fala na imprensa para exporem sua versão para o conflito e justificarem os atos de rebeldia.

Partindo dessa premissa, questionamos, através da análise dos textos jornalísticos, o posicionamento ideológico dos periódicos em relação à crise estudantil nos diários *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *O Povo*, *Tribuna do Ceará* e *Unitário* que circulavam em Fortaleza, em 1968, cujas edições foram localizadas na hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual do Ceará (BECE). Para responder à questão, elencamos os objetivos de identificar os jornais e destacar textos dos periódicos, a fim de contextualizar a crise estudantil, problematizar os discursos jornalísticos e compreender a narrativa predominante na imprensa hegemônica. Além desta introdução e de considerações finais, o artigo aborda pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso (ACD), os quais orientam a análise dos resultados que discutimos a seguir, mediante representações discursivas em periódicos da imprensa empresarial que circularam em Fortaleza, em maio de 1968, a respeito dos desdobramentos de protestos estudantis de secundaristas, considerando o contexto sociopolítico do período.

6

Metodologia

A construção histórica e cultural da interação entre indivíduos resulta dos processos de produção e representação de significados em eventos sociais, entre eles, o discurso. Concordamos com Fairclough (2001), que considera o discurso enquanto texto, interação e prática social. O discurso é a prática social de produção de textos, produtos da atividade discursiva. Uma vez que o texto materializa uma visão de mundo, constitui-se em objeto para Análise do Discurso Crítica (ADC), ou Análise Crítica do Discurso (ACD), ou Estudos Críticos do Discurso (ECD), de acordo com Van-Dijk (2016). A ACD é um método de investigação científica centrada na análise discursiva, em cujo estudo estão legitimadas formas de abuso de poder e de reprodução de desigualdades sociais, representadas por textos e falas em contextos sociais e políticos diversos. Segundo Van-Dijk (2016, p. 204), ACD é um "[...] movimento social de analistas discursivos politicamente comprometidos [...]", ou

seja, é um método de abordagem crítica das ideias de um grupo, um período e um momento histórico, portanto carregado de modos particulares de representação da realidade.

O discurso possibilita a afirmação de uma concepção de mundo e mesmo a concretização dessa visão, vinculando-se à noção de ideologia (Fairclough, 2001), ou seja, práticas discursivas estão no cerne das relações de dominação produzindo, reproduzindo ou transformando a realidade e/ou visão de mundo. Nesse sentido, a língua materializa o discurso, que materializa a ideologia (discurso social, discurso político), que se materializa nos atos concretos como afirma Santos e Costa (2019).

A pesquisa, realizada no mês de junho de 2024 na hemeroteca da BECE, encontrou inserções alusivas ao movimento das normalistas do Colégio Estadual Justiniano de Serpa de maio de 1968 nos jornais *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *O Povo*, *Tribuna do Ceará* e *Unitário*.

A análise metodológica iniciou com o olhar sensível para a materialidade histórica do jornal (Leite, 2015). A data de nascimento do fundador e de criação da obra informam dados do contexto social, político e econômico, assim como traços de subjetividade, como crenças, convicções e interesses. No expediente do suporte, pesquisamos a composição da equipe editorial e o lugar social que a direção ocupa, bem como aspectos de circulação, tais como os setores de/para quem se dirige o periódico, o público a que se destina e a periodicidade das edições.

Na etapa seguinte, analisamos o projeto gráfico, as formas de estruturação do suporte e a organização dos textos. Também foram analisados a distribuição das reportagens acerca do movimento estudantil, os eventos sócio-políticos críticos relacionados ao tema, o *layout* gráfico e seus elementos, como corpo/cor das letras, composição com representações visuais, e o posicionamento da comunicação na capa e nos cadernos internos. A análise considera o lugar hierárquico do texto na diagramação, as mensagens que o circundam e o acréscimo de imagens, em acordo com Niiyama e Rodrigues (2008, p. 3), "[...]nenhuma fotografia é desprovida de intenção".

O estudo quantitativo ressalta a dimensão do tratamento editorial concedido ao tema analisado: a frequência das inserções e o volume textual (fotografias e texto verbal), tanto na capa quanto no interior do jornal.

Neste trabalho buscamos quantificar o número de vezes que ocorre a citação nominal de Mirtes e Adísia, as protagonistas do movimento, à procura de compreender as ideologias subjacentes (Fairclough, 2001) e a dinâmica exercida pelo poder no contexto que privilegia o discurso de determinado ator em detrimento de outro.

Atentamos para especificidades da manchete. A fim de proporcionar ao leitor uma experiência visual aproximada da fonte tipográfica do original, optamos por escrever manchetes utilizando caixa alta, caixa baixa e caixa alta/caixa baixa. As transcrições de manchetes/textos da imprensa estão entre aspas. Investigamos a escolha da fonte tipográfica, o seu posicionamento na página e nas manchetes. Na sequência, analisamos a disposição da reportagem completa, a inserção nos cadernos internos, o acréscimo de fotos, os temas noticiados próximos e a estratégia discursiva que revela o posicionamento ideológico. Pressupondo que o jornal impresso progride na medida da circulação, avaliamos o interesse editorial por manter a comunicação em edições subsequentes, inclusive com manchetes, e se esta é recorrente, intermitente ou eventual. Além do volume, verificamos os equívocos, as repetições, as pontuações, o léxico, a semântica linguística, os julgamentos e as rotulações.

A técnica de análise categorizada em materialidade da linguagem e elementos de ordem ideológica, política e simbólica interpreta o discurso considerando a relação entre texto e contexto a partir de conceitualização proposta em Van-Dijk (2016, p. 206): "[...] poder, dominación, hegemonía, ideología, clase, género, raza, discriminación, intereses, reproducción, instituciones, estructura y orden social".

A análise busca a significação, o teor simbólico, o efeito do discurso jornalístico na opinião pública e a compreensão dos processos relativos à construção do significado social que é dado ao texto. Ademais, a problematização considera aspectos do contexto histórico em que se insere o suporte-jornal e a conjuntura em que o tema se apresenta.

Não obstante os limites e possibilidades metodológicos (Leite, 2015) próprios da fonte e já descritos, a pesquisa recuperou textos jornalísticos de periódicos publicados em abril, maio e junho de 1968 para revisitar a conjuntura sociopolítica do período e compreender a crise estudantil no Colégio

Estadual Justiniano de Serpa, em maio de 1968, resultado da expulsão de Mirtes por Adísia, assim como a escalada de protestos estudantis, a partir do olhar e discurso da mídia impressa.

Para facilitar a contextualização dos periódicos analisados, o quadro 1 resume suas principais características e orientações.

Quadro 1 – Perfil dos jornais de Fortaleza em 1968

Periódico (sigla)	Data	Características	Orientação	Vínculos políticos	Outra informação
Correio do Ceará (CC)	1915-1982	Órgão cearense dos Diários Associados	Conservador	Diários Associados de Assis Chateaubriand	Dirigido por Manuel Eduardo Campos em maio de 1968.
Gazeta de Notícias (GN)	Fundado em 1927, extinto na década de 1970	Matutino	Menos alinhado ao establishment	Adquirido e extinto por O Povo.	Fundado por Antônio Luís de Drummond Miranda. Dirigido por Durval Aires de Menezes em maio de 1968.
O Povo (OP)	1928-	Jornal mais antigo, ainda em circulação, integra o Grupo de Comunicação O Povo	Alinhado ao governo militar (pró-autoridade)	Paulo Sarasate (fundador) e J. C. Alencar Araripe (diretor) apoiavam o regime militar.	Periódico mais antigo em circulação no Ceará. Fundado por Demócrito Rocha.
Tribuna do Ceará (TC)	Fundado em 1957, extinto em 2001	ligado aos interesses patronais e empresariais cearenses.	Conservador/Moralista (implícito pelo diretor)	Ligado a "interesses patronais e empresariais cearenses".	Fundado por José Afonso Sancho. Dirigido por Pedro Mallmann ("Dom Camilo") em maio de 1968.

Fonte: elaboração dos autores (2025).

Quadro 1 – Perfil dos jornais de Fortaleza em 1968 (continuação)

Periódico (sigla)	Data	Características	Orientação	Vínculos políticos	Outra informação
Unitário (UT)	1903-	Subtítulo "jornal político"	Republicana e Liberal	Diários Associados (como o CC), foi órgão do Partido Republicano e Liberal.	Fundado por João Brígido dos Santos. Dirigido por Manuel Eduardo Campos em maio de 1968 mesmo diretor do CC, o que se refletia na semelhança do projeto gráfico.

Fonte: elaboração dos autores (2025).

10

Resultados e discussão

Fundado por Álvaro da Cunha Mendes (Maranguape, Ceará, em 1872), o *Correio do Ceará* circulou na capital até o ano de 1982. De acordo com Bezerra (2016), entre os jornalistas que ocuparam a chefia de redação do *Correio do Ceará*, figura Pedro de Brito Firmeza, deputado estadual, nos pleitos de 1924, 1927, 1930 e deputado federal, eleito em 1934. Em maio de 1968, o *Correio do Ceará* era o órgão cearense dos Diários Associados, do empresário carioca Assis Chateaubriand, sob a direção do jornalista Manuel Eduardo Campos.

O periódico matutino *Gazeta de Notícias* foi fundado em 1927 (Limaverde e Carvalho, 2008) por Antônio Luís de Drummond Miranda. O jornal enfrentou diversas crises, até que, em 1930, seu fundador "[...] foi assassinado na própria sala de trabalho, na redação do jornal" (Maia, 2010, p. 22). O diário se manteve até a década de 1970, quando o jornal O Povo adquiriu o controle, mas o extinguiu pouco tempo depois (Maia, 2010). Em maio de 1968, a redação estava a cargo do radialista, romancista e

teatrologista Durval Aires de Menezes, membro da Academia Cearense de Letras e do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará.

O *Povo* foi fundado em janeiro de 1928 por Demócrito Rocha, jornalista, político, poeta, maçom, integrante da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Demócrito Rocha foi deputado federal na década de 1930 e um dos líderes do Partido Social Democrático (PSD) no estado, partido político identificado como de centro. O expediente de O *Povo*, em maio de 1968, cita como integrante Paulo Sarasate, advogado e jornalista, deputado estadual em 1934 e governador do Ceará entre 1955 e 1958, filiado à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação política para a ditadura militar.

A *Tribuna do Ceará* foi fundada em 1957 pelo cearense José Afonso Sancho, filiado ao Partido da Frente Liberal (PFL), fundado em 1985. O PFL foi sucedido pelo Democratas (DEM), partido político de centro-direita e que, fundido com o Partido Social Liberal (PSL), formou o União Brasil (UNIÃO) (Limaverde; Carvalho, 2008), "[...] ligado aos interesses patronais e empresariais cearenses" (Pontes, 2014, p. 88).

O *Unitário* foi fundado em 1903 por João Brígido dos Santos, político liberal, cronista, jornalista, historiador e maçom. Passou a morar em Fortaleza e foi eleito deputado provincial em 1864, reeleito em 1866 (Bezerra, 2016). João Brígido dos Santos era monarquista até a proclamação da República Brasileira, quando se tornou liberal e defensor do novo regime. Era tão engajado politicamente que o periódico exibia o subtítulo "jornal político" (Rios, 2014). No expediente do jornal, em 1968, consta a informação "Diários Associados" e a direção de Manuel Eduardo Campos, o mesmo jornalista na direção do *Correio do Ceará* e do *Unitário*.

Todos os periódicos pesquisados anunciavam o mesmo preço de capa para o número do dia, NCr\$ 0,30 (trinta centavos de Cruzeiro Novo), moeda que circulou no Brasil no período entre 13 de fevereiro de 1967 e 14 de maio de 1970, de onde depreende-se que eram consumidos, em tese, pelo mesmo público.

Quadro 2 – Demonstrativo quantitativo e a diferença percentual, por periódico, da localização dos nomes Adísia e Mirtes nas edições dos diários e o total geral, ao longo do mês de maio

Número de citação nominal por periódico	Adísia	Mirtes	Variação Percentual
Correio do Ceará	10	3	70%
Gazeta de Notícias	8	6	25%
O Povo	36	10	72,2%
Tribuna do Ceará	29	4	86,2%
Unitário	34	6	82,3%
Total Geral	117	29	75,2%

Fonte: elaboração dos autores (2025).

O quadro 2 sintetiza a apuração quantitativa da citação dos nomes de Adísia e Mirtes. Enquanto o nome da diretora do Colégio aparece cento e dezessete vezes, entre manchetes e reportagens, a estudante expulsa da escola teve o nome citado vinte e nove vezes. Na variação percentual das citações, com exceção da Gazeta de Notícias, observa-se a desproporção de tratamento da imprensa empresarial ao citar as protagonistas da crise. A autoridade escolar domina o discurso, privilegiada em número de citações acompanhadas da sua versão para os fatos, enquanto a estudante expulsa, silenciada e bem menos citada é representada como revoltosa, insolente e subversiva.

Quadro 3 – Demonstrativo da comunicação jornalística acerca dos desdobramentos do movimento estudantil do JS, por dia, por periódico, por diagramação e o número total de inserções de cada jornal

Data de publicação de matéria em maio de 1968	Correio do Ceará	Gazeta de Notícias	O Povo	Tribuna do Ceará	Unitário
3		Capa e matéria			
5-6		Capa e matéria			

Fonte: elaboração dos autores (2025).

Quadro 3 – Demonstrativo da comunicação jornalística acerca dos desdobramentos do movimento estudantil do JS, por dia, por periódico, por diagramação e o número total de inserções de cada jornal (continuação)

Data de publicação de matéria em maio de 1968	Correio do Ceará	Gazeta de Notícias	O Povo	Tribuna do Ceará	Unitário
7		Capa e matéria	Página 6		
10	Capa com duas fotos e matéria	Capa e matéria	Capa com foto e página 6 com foto	Capa	
11/ 11-12				Capa e página 2	Capa e página 8
13	Capa com matéria		Capa com foto mais página 8		
14		Capa com duas fotos/ matéria e página 4			Capa e página 8 com foto
15			Capa e página 6	Capa (só título) e página 2	Capa e página 8
16	Página 8	Capa com foto e matéria	Capa com foto e página 6 com foto	Capa (só título) e página 2	Capa e página 8
17			Página 6	Capa	Capa
18					Capa e página 8
20			Página 6		
21				Capa	Capa letras vermelhas e página 8
23					Capa e página 6
25/ 25-26				Capa	Capa e página 8
26/ 26-27	Página 2				

Fonte: elaboração dos autores (2025).

Quadro 3 – Demonstrativo da comunicação jornalística acerca dos desdobramentos do movimento estudantil do JS, por dia, por periódico, por diagramação e o número total de inserções de cada jornal (continuação)

Data de publicação de matéria em maio de 1968	Correio do Ceará	Gazeta de Notícias	O Povo	Tribuna do Ceará	Unitário
28				Capa (só título) e página 2	
Total de dias de inserções	4	7	7	8	9
Total Geral	35				

Fonte: elaboração dos autores (2025).

14

A visualização quantitativa das publicações no quadro 3 aponta para o *Unitário* como o periódico com mais dias de notícias dos protestos (nove capas), seguido da *Tribuna do Ceará*, com oito capas. Não obstante ter noticiado em sete das suas edições, *O Povo* acrescentou cinco fotos. O *Gazeta de Notícias* estampou manchetes com matérias em seis capas, duas com foto, e o *Correio do Ceará* limitou-se a noticiar em duas capas, uma com duas fotos e uma matéria no caderno interno.

O contexto sociopolítico de 1968 e a crise estudantil do Colégio Estadual Justiniano de Serpa nos discursos da imprensa fortalezense

A revisão de Vasconcelos (1998) e Ventura (2018) recorda a tensão social em 1968. Sublevações estudantis na América Latina (Acevedo-Tarazona, 2004; 2012; 2015), Europa (Salazar, 2018; Carrilo-Linares, 2008) e Brasil (Sucupira, 2021) desafiaram autoridades e foram duramente reprimidas, contando com o apoio midiático da imprensa corporativa.

O *Unitário* publicou a manchete "Govêrno decide proibir as manifestações de rua" (1968) para conter a agitação de estudantes de Fortaleza,

depois da tragédia que vitimou o secundarista Edson Luís de Lima Souto, assassinado por policiais militares no confronto entre estudantes e forças policiais em 28 de março de 1968, no episódio trágico do Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro.

A *Gazeta de Notícias* publicou a notícia da cobrança de taxas nos colégios estaduais: "Alunos de Colégios Estaduais do Interior Obrigados a Pagar Taxa" (1968, p. 4), referindo-se ao Colégio Estadual de Nova Russas, interior do Ceará. O texto cita o montante de seis mil Cruzeiros Novos "[...] para confecção dos boletins mensais [...]", além da cobrança de mais um Cruzeiro Novo, valor alto, segundo a matéria, acrescentando falta de transparência e ilegalidade da cobrança, pois a Lei Temístocles de Castro e Silva, de acordo com o texto, proibiria qualquer tipo de pagamento.

A greve de professores de Fortaleza tencionava o tecido social e a chamada de capa na *Gazeta de Notícias* destacava a proposta do governo para o fim da crise "Mestres: Aumento Oferecido É 'Só' de 12%" (3 de maio de 1968, p. 4). Observa-se que a manchete expressa juízo de valor e acrescenta "só" à mensagem, deixando pistas para a análise de aspectos ideológicos na prática discursiva (Fairclough, 2001). Na mesma capa, diagramada abaixo, vê-se a manchete da crise do Colégio Estadual Justiniano de Serpa à direita da capa, ou seja, no campo visual mais privilegiado: "CESC Protesta Contra Expulsão de Aluna No Justiniano de Serpa" (1968).

A capa de *Gazeta de Notícias* em 3 de maio de 1968 destacava a nota de protesto do Centro dos Estudantes Secundários do Ceará (CESC) contra a expulsão da presidente do turno tarde do Grêmio do Colégio Estadual Justiniano de Serpa. A manchete posicionada no centro do canto direito da capa refere-se a Mirtes, expulsa por Adísia, a diretora da instituição, e a matéria apresenta a versão dos estudantes, citando a cobrança de taxa, a perseguição política ao movimento estudantil e o episódio do Liceu do Ceará, tradicional escola secundarista e mista da capital, quando líderes estudantis foram ameaçados de expulsão por serem contrários a cobranças. A nota cita a cobrança no Colégio Estadual Justiniano de Serpa, a arrecadação, que seria do Grêmio, e o uso do montante pela diretora como o estopim da revolta das normalistas, com Mirtes à frente. Na nota oficial do CESC, os secundaristas expuseram seus argumentos e sua visão de mundo, o que seria,

na prática, um discurso contra hegemônico, concordando com Fairclough (2001), buscando atuar sobre a realidade, mobilizar sentidos e sentimentos e, eventualmente, conquistar apoio popular.

Segundo Ridenti (1990, p. 117), "a insurgência das mulheres na contestação à ordem, entre 1966 e 1968, deu-se sobretudo através do movimento estudantil [...]". Contudo, nos conflitos entre os alunos do Liceu e a direção, enquanto os líderes liceístas que se rebelaram foram poupados da punição escolar máxima, à Mirtes, do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, coube a expulsão, o castigo duro e exemplar, parafraseando Adichie (2015, p. 50): "Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar".

A capa de *Gazeta de Notícias* em 5-6 de maio de 1968 acompanha uma matéria com as razões da diretora escolar para a expulsão da presidente do turno tarde do Grêmio. A *Gazeta de Notícias* estampou "Diretora do JS: Punição Para Aluna Foi Legal" (1968). A manchete, diagramada na parte inferior da capa, acompanha o texto em que Adísia se defende das acusações sem, contudo, citar sua versão para a polêmica em torno dos valores financeiros no Centro do conflito entre direção e liderança estudantil. A escolha por diagramar a notícia na parte inferior e à esquerda da página suscita a interpretação de dúvida quanto à intenção deliberada do diagramador em reduzir sua visibilidade e, conseqüentemente, seu valor simbólico, demonstrando que a dimensão sociocognitiva está envolvida tanto na produção quanto na interpretação textual, conforme Fairclough (2001).

A crise estudantil avançava e a *Gazeta de Notícias* publicou: "Polícia evitou passeata do CESC contra direção do Justiniano de Serpa" (1968), mais uma vez evidenciando a representação estudantil com palavras positivas em relação às atitudes dos estudantes. Ou seja, efetivamente citando que estes procuraram entendimentos com a direção, quando Adísia Sá solicitou que aguardassem e, logo depois, um grupo de policiais surgiu para reprimir a reunião estudantil, forçando dirigentes do CESC a buscar as vias jurídicas para reintegrar a líder estudantil ao quadro discente. Depreendemos que, nessa reportagem, a redação da *Gazeta de Notícias* usou um discurso imparcial, citando o esforço dos estudantes para encerrar a contenda com

"entendimentos", além da contrapartida autoritária e violenta da diretora, que se afirmou como representante do *establishment*.

Numa conjuntura crítica, no auge da ditadura militar, a capa do *Correio do Ceará* de 10 de maio de 1968 estampava, apesar da censura, subvertendo a ordem, a grande manifestação ocorrida no dia anterior: "Alunas da escola normal fazem a passeata proibida". A manchete ressalta a desobediência apenas das secundaristas do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, enquanto a reportagem informa a presença, inclusive, dos alunos do Liceu e de outros colégios. A cobertura da imprensa ocupou meia capa do *Correio do Ceará*, com duas fotos. Em uma das imagens, observa-se a força militar presente na praça em frente ao Colégio Estadual Justiniano de Serpa, com homens armados e, na descrição, a estreia do arsenal de bombas de gás lacrimogêneo. A respeito do realce do poder repressivo do aparato policial, Soares e Ferreira (2017) explicam que o discurso da mídia corporativa busca novos vínculos de efeito para agir sobre a realidade.

O *Povo* informou o protesto estudantil de 9 de maio de 1968, destacando uma foto centralizada na capa da edição de 10 de maio de 1968, mas com o título, "Protestos Estudantis", escrito em fonte tipográfica tão discreta que, diante das demais chamadas na capa, passa quase despercebida à primeira vista. A imagem mostra o grupo de normalistas posicionadas em torno do homem, identificado na reportagem como agente da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), órgão da Ditadura Militar, com a função de assegurar e disciplinar a ordem militar no país.

Diante do agente do DOPS, as estudantes reagem de maneira "pouco feminina", segundo a reportagem, o que reforça estereótipos de gênero, com a mulher limitada ao papel submisso/passivo e incapaz como sujeito de atuação política, minimizando sua capacidade de agir e de participar na esfera pública e na resistência.

Concordando com Soares e Ferreira (2017, p. 188), "[...] o fotógrafo já tem um conceito previamente estabelecido de imagem para o discurso político [...]". A matéria na página 6 de *O Povo* de 10 de maio de 1968 acompanha uma imagem que mostra a patrulha policial no entorno do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, ao lado da imagem da diretora Adísia, e a legenda: "A PM guardou o prédio". A matéria da reportagem associa

o grupo das normalistas a agentes de destruição patrimonial e de ameaça à paz social, corroborando as palavras de Pinto-Coelho (2008, p. 6): "[...] mais como alvos ou objetos passivos das autoridades judiciais do que como agentes de ações".

Na imprensa europeia, as mídias impressas "[...] têm mostrado consistentemente que os grupos de jovens tendem a ser representados negativamente e de uma forma estereotipada [...]" (Pinto-Coelho, 2008, p. 2). Mas não apenas na Europa, *O Povo* de 10 de maio de 1968 publicou as estudantes gritando "abaixo a ditadura" e "abaixo Adísia Sá" sendo conduzidas pelos "[...] *elementos* do CESC [...]". O léxico utilizado, mais comum em reportagens policiais, é associado, em geral, a indivíduos que transgridem as leis e pode ter sido escolhido propositalmente para promover um significado naquele contexto (Fairclough, 2001).

O *Unitário* de 11 de maio estampou no canto direito da capa "Colégio volta às aulas e aluna é transferida" com matéria ressaltando a expulsão por "desrespeito à autoridade da diretora" e a transferência de Mirtes para "um outro estabelecimento oficial". No topo da página 8 da mesma edição, o periódico publicou em caixa alta e na cor magenta "Solucionada crise da escola normal com retorno às aulas" (1968, p. 8) e, abaixo, "Escolha de Miss Ceará 68 marcada para 8 de junho", em fonte tipográfica de cor preta e com destaque menor, cujas matérias respectivas foram trocadas, de forma que, abaixo da notícia sobre a crise do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, foi posicionado o informe do concurso de miss e abaixo da notícia sobre o concurso de miss consta a matéria da crise estudantil "[...] as alunas da Escola Normal aceitaram a solução encontrada pelo Secretário de Educação [...] para a crise que envolvia a estudante [...] expulsa por desrespeito a autoridade da diretoria [...] manteve-se o princípio da autoridade e da disciplina" (O *Unitário*, 1968, p. 8). O discurso da imprensa hegemônica evidenciou a desigualdade na relação de poder, conforme pressupostos em Van-Dijk (2016).

O ato de posicionar proximamente os temas "miss Ceará" e "crise da escola norma" toca afetos e imaginários ao destacar a representação do feminino associado à beleza plástica. Embora o discurso hegemônico insistisse no fim da crise estudantil, os acontecimentos seguintes mostraram sua escalada.

A manchete principal da capa "Debates de paz se iniciam com Paris em pé de guerra" (Gazeta de Notícias, 14 de maio de 1968, capa), com grande destaque, informa as tratativas de paz entre EUA e Saigon ao revolucionário maio de 1968 (Fuentes, 2008), em Paris. No centro da capa e logo abaixo dessa manchete, está estampada a fotografia das secundaristas em protestos contra a expulsão da companheira, junto à denominação, "revolta das saias" (Gazeta de Notícias, 14 de maio de 1968, capa. Enquanto isso, acrescenta, na mesma capa, uma segunda imagem de normalistas do Colégio Estadual Justiniano de Serpa, as quais, segundo a matéria, foram recebidas e ouvidas na redação do jornal para defesa da diretora escolar.

De acordo com Burke (2004, p. 175): "Toda imagem conta uma história [...]" e a luta por justiça para a presidente do turno vespertino do Grêmio passa para a história como a "Revolta das Saias". Ao citar o movimento dessa forma, a mídia cria a imagem que reduz a legitimidade dos protestos a um assunto de vestimenta e de comportamento "inapropriado". A prosopopeia criada para a legenda da imagem do protesto estudantil confere à saia do uniforme escolar das normalistas um comportamento humano, reforçando a opinião negativa estereotipada das insurretas problemáticas, em oposição às alunas matutinas que apoiaram a diretora: a atenção da reportagem e o realce da atitude politicamente correta das estudantes dóceis está na legenda "Depoimento tranquilo" (Gazeta de Notícias, 14 de maio de 1968).

O apoio à diretora partiu de normalistas do turno matutino, de acordo com a matéria, "Grupos antagônicos de estudantes realizaram passeata ontem à tarde" (Gazeta de Notícias, 14 de maio de 1968, p. 4): "[...] na manhã de ontem, dando uma nova dimensão ao movimento, alunas desse turno saíram às ruas em passeata, manifestando adesão ao comportamento da ex-Diretora". A matéria refere-se à renúncia de Adísia Sá e acrescenta que, no turno da tarde, apoiadas pelas colegas do Liceu, as insurgentes realizaram uma nova marcha que incluía "[...] o enterro simbólico da Diretora demissionária".

Dourado (2015) se debruçou sobre a especificidade do ambiente educacional no que concerne ao perfil de estudantes das turmas dos turnos matutino e vespertino. A autora considera o fenômeno a partir de uma perspectiva sócio-histórica e assevera que a escola favorece os filhos de pais

influentes na escolha, inclusive, no horário para estudar. Portanto, é de se supor que não é casual a distinção que a imprensa faz entre o apoio "dócil" das alunas do turno matutino frente à "insurreição" das normalistas do turno vespertino, observada na cobertura da *Gazeta de Notícias*.

Como aponta Dourado (2015), as vagas matutinas, em geral, estão associadas a um perfil socioeconômico mais privilegiado, enquanto o turno vespertino pode acomodar estudantes, por exemplo, excedentes, que se matricularam depois de finalizadas as vagas no turno manhã, e/ou com maiores dificuldades de adaptabilidade, quais sejam os resistentes a acordar mais cedo ou, nessa leitura, os revoltosos e subversivos que desafiaram a ordem estabelecida.

Considerações finais

No contexto de enfrentamento à ditadura militar e diante dos protestos das normalistas e de estudantes de outras instituições escolares, em maio de 1968, em Fortaleza, este estudo analisou as representações discursivas em trinta e cinco publicações jornalísticas, entre capas, imagens e textos veiculados nos periódicos *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *O Povo*, *Tribuna do Ceará* e *Unitário*, integrantes da imprensa corporativa de Fortaleza.

A pesquisa apontou que a prática discursiva, em todos os periódicos, notadamente, favoreceu a ideologia da ditadura militar, com a legitimação da autoridade escolar. O nome Adísia Sá foi citado cento e dezessete vezes acompanhado sempre da versão da diretora para a crise escolar ou com a confirmação da sua atitude de expulsar do quadro discente uma estudante adolescente. A pesquisa quantitativa demonstrou, ainda, que a imagem e a fala da autoridade escolar obtiveram desproporcional inserção, frente às das estudantes, com *O Povo* citando Adísia trinta e seis vezes e Mirtes, dez e a *Tribuna do Ceará*, citando Adísia vinte e nove vezes e Mirtes, quatro. A *Gazeta de Notícias* foi uma exceção quanto ao equilíbrio de tratamento, com o nome Adísia citado oito vezes, contra 6 citações do nome de Mirtes.

A imprensa também não foi justa com Mirtes, porque nenhum dos periódicos ouviu a estudante ou publicou sua versão para a crise. Ao contrário, a imprensa hegemônica representou os protestos estudantis com uma

linguagem carregada de preconceitos de gênero e classe. Em acordo com pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso, observamos ideologias de poder sinalizadas em textos na imprensa empresarial que, em sua maioria, afirmaram o *establishment*, com o viés notadamente a favor da atitude da autoridade escolar e representando os estudantes insurgentes pejorativamente, com denominações como "subversivos", "elementos" e "feias".

Com exceção, novamente, da *Gazeta de Notícias*, em que a pesquisa encontrou o discurso contra-hegemônico, através da publicação dos fatos do início da crise estudantil em primeira mão, inaugurando a cobertura dos eventos com a versão dos estudantes e com a publicação da nota oficial da entidade da representação estudantil, proibida de atuar com argumentos da representação da categoria secundarista à época, e a versão dos estudantes.

Diante dos demais periódicos, em 1968, todos fundados e/ou dirigidos por políticos de direita e/ou por empresários, a *Gazeta de Notícias*, novamente, foi uma exceção, sob a direção de um "romancista, teatrólogo e radialista". Ainda que tenha seguido os demais periódicos e publicado os discursos de confirmação do viés de legitimação do poder constituído, seu posicionamento ideológico foi, possivelmente, divergente naquele contexto institucional autoritário diante dos discursos antagônicos ao *status quo* que foram destacados acima.

Referências

ACEVEDO-TARAZONA, Álvaro. Educación, reformas y movimientos universitarios en Colombia: apuestas y frustraciones por un proyecto modernizador en el siglo XX. **Revista de Estudios Sociales**, Los Andes, n. 53, p. 102-111, Júlio/Septiembre, 2015.

ACEVEDO-TARAZONA, Álvaro. El movimiento estudiantil entre épocas cultura política, roles e consumos. Años sesenta. **Revista Historia de la Educación Colombiana**, Colombia, n. 6-7, p. 161-176, 2004.

ACEVEDO-TARAZONA, Álvaro. Modernización universitaria y protesta estudiantil en Colombia: el caso de la Universidad Industrial de Santander (1953-1977). **Anuario de Historia Regional y de las Fronteras**, v. 17-2, p. 371-399, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALUNAS DA ESCOLA NORMAL fazem a passeata proibida. **Correio do Ceará**, Fortaleza, 10 maio 1968.

ALUNAS DA ESCOLA NORMAL protestam em passeata conta a punição da colega. **O Povo**, Fortaleza, 10 maio 1968.

ALUNOS DE COLÉGIOS ESTADUAIS do interior obrigados a pagar taxa. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 8 abr. 1968.

ARAPIRACA, José Oliveira. A USAID e a educação brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica da teoria do capital humano. 273 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Estudos Avançados em Educação/Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1979.

BEZERRA, Paulo. **Album de Fortaleza**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2016.

BRASIL. Tabulações Avançadas do Censo Demográfico. **VIII Recenseamento Geral 1970**. Brasília: Instituto Brasileiro de Estatística, 1971.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CARRILO-LINARES, Alberto. **Subversivos y malditos en la Universidad de Sevilla (1965-1977)**. Sevilla: Fundación Centro de Estudios Andaluces, 2008.

CEARÁ. **Anuário do Estado do Ceará**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 1971.

DEBATES DE PAZ SE INICIAM com paris em pé de guerra. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 14 maio 1968.

DIRETORA DO JS: punição para aluna foi legal. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 5-6 maio 1968.

DOURADO, Gardênia de Oliveira Cardoso. **As diferenças na qualidade de ensino e aprendizagem entre os turnos matutino e vespertino no Colégio Municipal Eufrásio Vilela Dourado – Ibititá BA**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação, Currículo Linguagens e Inovações Pedagógicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FORTALEZA. **Anuário do Município de Fortaleza**. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza / Secretaria Municipal de Planejamento, 1964.

FUENTES, Carlos. **Em 68**: Paris, Praga e México. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil** (1964-1985). São Paulo: Cortez, 2011.

GOVÊRNO DECIDE PROIBIR as manifestações de rua. **Unitário**, Fortaleza, 2 abr. 1968.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, Metodologia e Possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, Palmas, v. 7 n. 1, p. 3-17, 2015.

LIMAVERDE, Lucíola; CARVALHO, Gilmar de. Jornal O Ceará: exemplo de mídia combativa na década de 1920. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 7., 2008, Boa Vista. **Anais** [...]. Boa Vista: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

NIIYAMA, Andréia Mayumi; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Interpretação das imagens fotográficas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 7., 2008, Boa Vista. **Anais** [...]. Boa Vista: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

MAIA, Roberta Kelly Santos. **"O Dono do Terreiro"**: o jornalista, político e professor Luiz Campos. 2010. 120p. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Programa de Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MESTRES: aumento oferecido é só de 12%. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 4, 3 maio 1968.

PINTO-COELHO, Zara. Discurso Jornalístico e a Construção da Juventude. (2008). CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 5., 2007, Braga. **Anais** [...]. Braga, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2007.

POLÍCIA EVITOU PASSEATA do cesc contra direção do justiniano de serpa, **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 7 maio 1968.

PONTES, Frederico de Andrade. **Do céu ao Inferno**: o movimento estudantil universitário no Ceará (1956-1964) 2014. 175f. Dissertação (mestrado acadêmico) – Programa de Mestrado Acadêmico em História, Universidade Estadual do Ceará, 2014.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As Mulheres na Política Brasileira: os anos de chumbo. **Tempo Social: Revista de Sociologista da USP**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 113-128, jul./dez. 1990.

RIOS, Renato de Mesquita. A cultura política de João Brígido dos Santos: política, maçonaria e imprensa (1859 – 1919). **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 101-124, jul./dez. 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SALAZAR, Patricia Badenes. **Fronteras de papel**: el mayo francés em la España del 68. Madrid: Grupo Anaya, 2018.

SANTOS, Cynthia Adrielle da Silva; COSTA, Alessandra de Sá Mello da. Imprensa, Discurso Ideológico e Golpe de Estado: uma Análise Crítica do Discurso. **RECADM – Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, Curitiba, v.18 n. 3, p. 371-393, set./dez. 2019.

SOARES, Nelson; FERREIRA, Giovandro Marcus. Discurso e Imagem: possibilidades metodológicas para uma análise discursiva do fotojornalismo contemporâneo. **Intexto**, Porto Alegre, n. 39, p.177-200, maio/ago. 2017.

SOLUCIONADA CRISE DA escola normal com retorno às aulas" **Unitário**, Fortaleza, 11 maio 1968.

SUCUPIRA, Tânia Gorayeb. **Movimentos estudantis na UFC e ecos de resistência de 1968 e 2016**. 2021. 286f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

VAN-DIJK, Teun A. Análisis Crítico del Discurso. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, Valdivia, n. 30, p. 203-222, jan./jun. 2016.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Memórias do silêncio**: militantes de esquerda no Brasil autoritário. Fortaleza: EUFC, 1998.

VENTURA, Zuenir. **1968**: O ano que não terminou. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOITOWICZ, Karina Janz; SCHMITT, Elaine. Discurso anticomunista: apropriações e construções do jornalismo do interior de Santa Catarina e Paraná em 1964. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 5, p. 373-395, ago. 2018.

Prof.ª Dr.ª Tânia Gorayeb Sucupira
Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Ceará.
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-8087-7651>
E-mail: thanasucupira@yahoo.com.br

Prof. Dr. Francisco Javier García-Delgado
Universidade de Huelva, Huelva (Espanha)
Programa de Doctorado Ciencia Regional Empresa y Territorio (CREMTE)
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-8863-4179>
E-mail: fcogarci@uhu.es

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira
Orcid id: <http://orcid.org/0000-0003-0559-2642>
Email: gerardovasconcelos@ufc.br

Recebido em 7 out. 2025

Aceito 7 jan. 2026



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.